

MOBILIDADE DO TRABALHO NO CONTEXTO DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL, TRABALHADORES NIPO-BRASILEIROS NO JAPÃO. O CASO DE LONDRINA-PR¹

Lirian Melchior²

INTRODUÇÃO

A questão migratória vem gerando diversos estudos, pois ao se analisar um deslocamento populacional não estudamos apenas o movimento, mas também os motivos que levam a este deslocamento e quais as mudanças que ocorrem na vida do migrante. Sabe-se também, que nenhum movimento se dá de forma involuntária, ou seja, os deslocamentos acontecem movidos por uma peça chave que, na verdade, movimentou todo o mundo: o capital. Isto é afirmado por Sales (1996, p.89) em que,

“ A renda é a variável determinante e a mobilidade do trabalhador se dá em função da variabilidade da renda.”

Este estudo foi realizado em Londrina, norte do Paraná, analisando o fenômeno dos “dekasseguis”³, descendentes de japoneses que deixam suas vidas no Brasil para tentar a sorte na terra de seus pais e avós, este tipo de migração se enquadra naquilo que George (1978) chama de “Migração Econômica Temporária”. O Japão com seu grande quadro de indústria automobilística e eletroeletrônica, atrai “nikkeis”⁴ de todos os países (subdesenvolvidos) para trabalhar atendendo à demanda da mão-de-obra não especializada, trabalho este, rejeitado pelos japoneses pois quase sempre eles identificam como trabalhos sujos, pesados e que oferecem risco.

Sendo assim os “dekasseguis” representam para o Japão um alívio para o seu mercado de trabalho que possui deficiência em mão-de-obra não especializada e ao mesmo tempo os aliviam de alguns encargos que ao trabalhador temporário não são oferecidos.

A imigração internacional é definida por Beaujeu – Garnier (1971) como todos os movimentos que envolvem travessia de fronteiras, não só entre países mas também de um continente para outro.

O migrante passa por muitas dificuldades ao deixar sua terra natal e se aventurar em busca de melhores condições de vida pois:

“Migrar temporariamente é mais do que ir e vir – é viver em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais. Ser migrante temporário é viver tais contradições com duplicidade, é ser duas pessoas ao mesmo tempo, (...) é ver como presente e sonhar como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando, voltar quando está indo. É necessitar quando está saciado. É estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É até mesmo, partir sempre e não chegar nunca”. (Martins, 1986, p. 45)

O migrante, segundo George, enfrenta a carência de não possuir um lugar para fixar as suas raízes, sempre sonhando com sua terra natal, porém impossibilitados de para lá voltarem pela falta de um mercado de trabalho e por almejam melhores condições de vida.

O mundo globalizado facilitou muito a entrada dos “nikkeis” no Japão, pois:

“O mundo está sendo progressivamente integrado e homogeneizado pelas comunicações, pela tecnologia, pelo fluxo aceleradíssimo de capitais, pelos padrões culturais e comportamentais. Mas, sobretudo, está sendo padronizado pela adoção universal da economia de mercado”. (Martine, 1994, p. 55)

Sendo assim, as relações internacionais acontecem de forma mais rápida e simples, facilitando as comunicações e conseqüentemente as migrações internacionais.

Este trabalho que se segue, procura analisar o movimento dos “dekasseguis” de Londrina, seus motivos de partida, a maneira como viviam no Japão e se o tempo que lá permaneceram lhes trouxe alguma melhora no seu padrão de vida.. Estes são alguns aspectos que deverão ser enfocados no decorrer do trabalho, com abordagens teóricas que deverão explicar melhor as conseqüências deste tipo de migração.

¹ Trabalho produzido a partir de pesquisa realizada no período de 1997/98 na Universidade Estadual de Londrina, em Londrina-PR, orientada pela Prof.a Dr.a Alice Yatiyo Asari.

² Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), em Maringá-PR-Brasil.

³ Aquele que vai trabalhar fora

⁴ Descendentes de japoneses

CONDIÇÕES SÓCIO - ECONÔMICAS ANTERIORES A MIGRAÇÃO

Para a realização das entrevistas do trabalho, foi elaborado um questionário e este aplicado a 20 pessoas, descendentes de japoneses de Londrina, e pela falta de um órgão que tivesse cadastrados os “dekasseguis”, estes foram sendo encontrados a medida que um indicava outro. As entrevistas eram sempre marcadas pelo telefone, respeitando a disponibilidade e o interesse do entrevistado em responder as questões. A faixa etária das pessoas entrevistadas variava entre 20 e 65 anos, sendo que 45% destes possuíam idade média de 35 anos.

Através das respostas dos entrevistados percebeu-se que àqueles que migram para o Japão não são somente os desempregados, neste caso, somente duas pessoas não representavam população economicamente ativa, sendo um estudante e o outro dona de casa; 40% dos entrevistados trabalhavam na área de prestação de serviços (como cabeleireiros, auxiliares de escritório ou trabalhavam na prefeitura). Havia também um grande interesse das pessoas que trabalhavam no comércio em se aventurar no Japão, isto porque muitos destes desejavam possuir o seu próprio negócio, e permaneceram lá por alguns anos para acumular capital suficiente para ser investido. Outras pessoas, já com formação profissional procuravam se deslocar para o Japão para montar seus consultórios ou escritórios, lugares que exigem um grande investimento, e que provavelmente, utilizarão durante longos períodos da sua vida. Existem também, aquelas pessoas que se aproveitaram das portas abertas para os “dekasseguis” para conhecer o Japão, turisticamente, e estes nem sempre estavam passando por dificuldades no Brasil, alguns até já possuíam salários relativamente bons, considerando a renda brasileira. Estes dados podem ser melhor observados nas tabelas que se seguem:

PROFISSÕES ANTERIORES À MIGRAÇÃO

Profissão	N.º de pessoas	Percentual
Prestação de serviços	8	40%
Comércio	4	20%
Serviço da área de saúde	3	15%
Serviços de áreas técnicas	2	10%
Agricultura	1	5%
Base de cálculo	20	100%

*Dos entrevistados dois não representavam população economicamente ativa, sendo um estudante e outra dona de casa

Fonte: Pesquisa “in loco” 1998

RENDA ANTERIOR A MIGRAÇÃO

Faixa de renda em salários mínimos	N.º de pessoas	Percentual
Até 2 S.M.	4	20%
De 2,1 a 5 S.M.	5	25%
De 5,1 a 8 S.M.	4	20%
Acima de 8,1 S.M.	3	15%
Base de cálculo	20	100%

*Duas pessoas não informaram a renda

Fonte: Pesquisa “in loco” 1998

PRINCIPAIS MOTIVOS QUE LEVARAM A MUDAR PARA O JAPÃO

	N.º de migrações no período			
	1986-1990	1991-1993	1994-1997	Total
Conhecer o Japão	1	4	-	5
Dificuldade financeira	-	4	4	8
Ter um negócio próprio	1	3	-	4
Acompanhar a família	-	1	-	1
Melhores salários	3	18	4	25
Total	5	30	8	

*Importante ressaltar que alguns entrevistados migraram mais de uma vez

Fonte: Pesquisa "in loco" 1998

Um aspecto, que é de grande importância, está relacionado à estrutura familiar. Neste trabalho não foram encontrados casos de desestruturação familiar, pois a maior parte das pessoas que migraram, 55%, não era responsável pelo orçamento familiar, não tendo desta forma, que passar a responsabilidade administrativa da casa para algum membro da família. Aos casos, acima citados, de desestruturação familiar, somam-se nesta pesquisa, apenas dois, sendo um de uma mãe de família que ao decidir trabalhar no Japão, deixou sua casa aos cuidados do marido, e um outro caso, de um pai, que deixou os filhos com a mãe, e o filho, como era muito apegado com ele, chorava muito, sentindo a falta da figura paterna..

Segundo Martins (1986, p.50)

“A migração temporária é, contraditoriamente, um modo de desatar laços de família, e ao mesmo tempo, um modo de atar o desenvolvimento do capital”,

o que demonstra que o migrante se afasta dos familiares em função do capital, desenvolvendo assim, uma relação com o prestígio que o capital possa oferecer se distanciando da sua família para alcançá-lo.

A EMIGRAÇÃO PARA O JAPÃO

Recrutamento

Sabe-se que para trabalhar como operário no Japão, é necessário ser descendente de japoneses ou ao menos ser casado com alguém de origem nipônica; porém para que o contrato seja efetuado é necessário que a descendência seja comprovada também no Japão, e isto é feito através do “kosekitohon”, documento que registra o histórico da família japonesa. Além do “kosekitohon” também é necessário apresentar os documentos pessoais, o passaporte, e um exame de saúde esclarecendo que a pessoa a ser contratada não apresenta nenhum problema físico. Há dois tipos de visto de saída para o Japão, o de turista, tendo validade de 90 dias e o de permanência longa com duração de três anos, ambos sendo renovados por mais tempo. Dos entrevistados, somente um pode sair do Brasil com o visto de permanência longa, pois já era natural daquele país, os demais obtiveram visto de turista.

Existem também duas formas de contratação: ela pode ser feita diretamente com a empresa ou através da agência ou empreiteiras. Dos 20 entrevistados 13 se utilizaram dos serviços das empreiteiras.

O tempo de permanência dos “nikkeis” de Londrina no Japão varia de 4 meses a 8 anos, sendo que estes que permaneceram mais tempo costumam voltar para o Brasil periodicamente para descansar, e retornar novamente para o Japão, migrando mais de uma vez para este país. A tabela abaixo procura representar com dados este fato.

TEMPO DE PERMANÊNCIA E QUANTIDADE DE VIAGENS

Tempo de Permanência	N.º de pessoas	Percentual	Quantidade de viagens por pessoa		
			1 vez	2 vezes	3 vezes
4 meses a 1 ano	7	10%	2	-	-
1 a 2 anos	7	35%	7	-	-
2 a 4 anos	8	40%	6	1	1
Acima de 4 anos	3	15%	6	1	1
Base de cálculo	20	100%	21	2	2

Fonte: Pesquisa "in loco" 1998

LONDRINENSES NO JAPÃO

PROVÍNCIAS DE DESTINO DOS DEKASSEGUIS ENTREVISTADOS

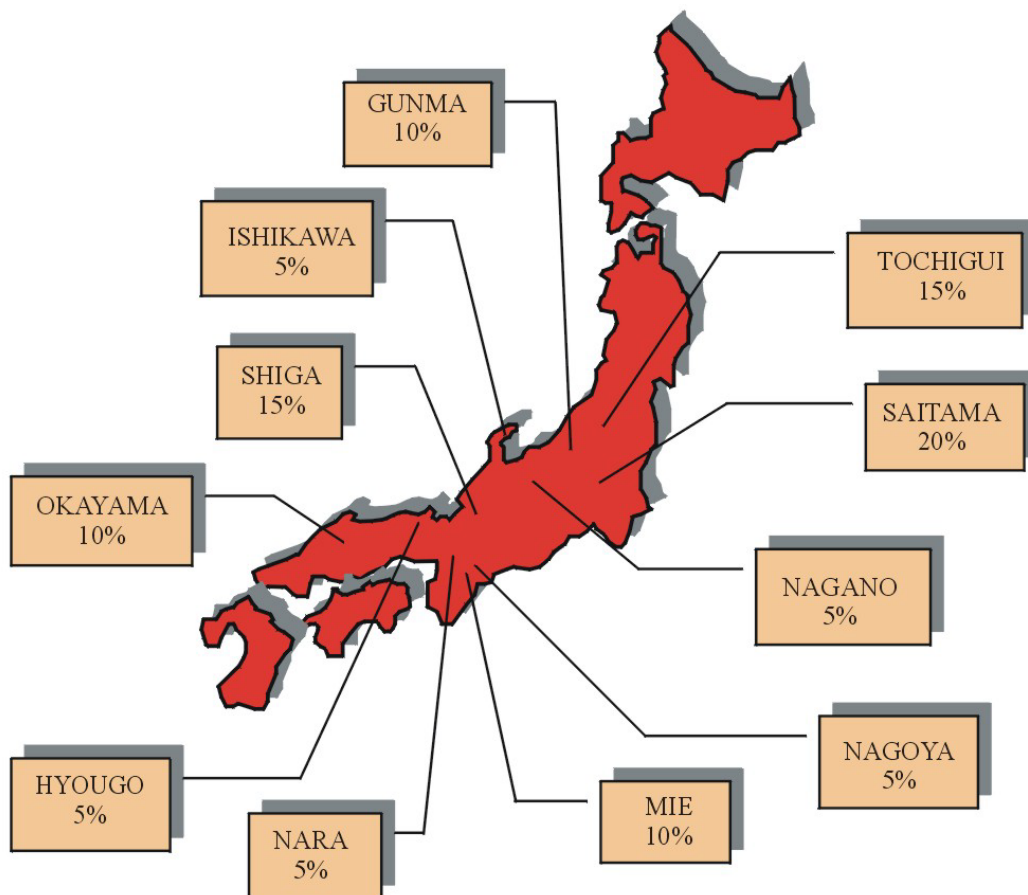


Figura ilustrativa

Calcula-se que 170 mil pessoas deixaram o Brasil em direção ao Japão, sendo assim, a probabilidade de haver alguns brasileiros em cada província japonesa é muito grande. Referente à entrevista feita aos “nikkeis” de Londrina, 20 % deles estiveram trabalhando na província japonesa de Saitama, e os demais estavam espalhados pelo resto do país (ver figura ilustrativa).

Quando chegam ao Japão, os “dekasseguis” são esperados no aeroporto por pessoas da empresa que os levam para os alojamentos, que são pequenos apartamentos, tipo “Kitchenettes”, que normalmente são divididos com mais duas pessoas. Os alojamentos ficavam localizados próximos ao trabalho e as refeições são feitas nos refeitórios da empresa, sendo que alguns preferiam preparar sua própria comida em casa por não se acostumarem com a comida servida, porém o tempo de folga para o almoço era

muito curto, e as refeições deveriam ser feitas de forma rápida. Tanto as refeições quanto o aluguel dos alojamentos são pagos pela empresa e posteriormente descontados do salário.

“É o mesmo espírito de tudo sacrificar, por pouco tempo, que leva os imigrantes a aceitarem empregos que os naturais não aceitam e a viver sob condições muito precárias, dividindo espaço com muitos companheiros em quartos apertados de pensões ou em apartamentos minúsculos.”
(Klagsbrunn, 1996, p 39)

Esta citação expressa como os “dekasseguis” suportam viver no Japão passando por tantas dificuldades, ou seja, eles só permanecem no Japão porque sabem que estão ali por pouco tempo e com o único objetivo de trabalhar.

Nas horas de folga e aos domingos e feriados, os dekasseguis, costumavam freqüentar shoppings, “karaokês”, bares e restaurantes, e também viajavam para outras cidades para conhecê-las. Hoje no Japão, já existem muitas lojas brasileiras, o que evidencia que alguns brasileiros já se tornaram empresários do ramo de diversões no Japão, são bares, restaurantes, supermercados, shoppings e danceterias administradas por brasileiros, facilitando a permanência no Japão. Existe também uma TV a cabo com transmissão direta do Brasil, o que faz com que os “dekasseguis” se sintam menos sozinhos.

Os “nikkeis” de Londrina, foram ao Japão para trabalhar em indústrias automobilísticas e eletroeletrônicas. Trabalhavam de segunda a sábado, oito horas por dia e realizavam de 0,5 a 8 horas extras por dia. Era freqüente os “dekasseguis” abandonarem seus empregos por outros que oferecessem maiores salários ou possibilitassem a realização de mais horas extras. O Japão é considerado pelos “nikkeis” de Londrina como uma espécie de catalisador para o acúmulo de dinheiro, pois o salário líquido destes variavam em torno de U\$ 1000 a 5000 por mês, sendo que eles economizam de U\$ 1000 a 2500 por mês, para investir no Brasil.

RENDA NO JAPÃO E QUANTIDADE DE DINHEIRO POUPADO

Salário no Japão	N.º de Pessoas	Percentual	Dinheiro Poucado por mês		
			Menos de U\$ 1000	U\$1000 a U\$2000	Acima de U\$ 2001
U\$ 1000 a 2000	3	15%	1	2	-
U\$ 2001 a 3000	10	50%	3	7	-
U\$ 3001 a 4000	4	20%	-	3	1
Acima de U\$4000	2	10%	-	1	1
Base de cálculo	20	100%	4	13	2

Fonte: Pesquisa “in loco” 1998

No Japão havia dois tipos de seguro saúde: um pago pela empresa e depois descontado no salário e o autônomo pago diretamente na prefeitura. A diferença dos dois é que o seguro feito pela empresa cobre quase todas as despesas médicas e odontológicas, o seguro da prefeitura é mais barato, porém se ele for acionado as despesas serão maiores para o contribuinte. Algumas pessoas deixam de pagar o seguro saúde para economizar mais dinheiro. Caso os “dekasseguis” fossem explorados no seu trabalho eles poderiam recorrer as leis trabalhistas, que são iguais para todos os trabalhadores tanto japoneses como não, e quando a justiça era acionada por alguma infração cometida contra o trabalhador, a justiça era feita de forma rápida e correta.

DIFICULDADES

O processo de adaptação no Japão é quase sempre enfrentado com alguma dificuldade. A tabela abaixo mostra os principais problemas enfrentados pelos imigrantes no novo país.

DIFICULDADES ENCONTRADAS NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

Dificuldades	N.º de Pessoas	Percentual
Língua	9	45%
Clima	5	25%
Relacionamento com os japoneses	5	25%
Alimentação	3	15%
Saudade	2	10%
Fuso Horário	2	10%
Base de Cálculo	20	100%

*Importante ressaltar que alguns entrevistados deram mais de uma resposta.

Fonte: pesquisa "in loco" 1998

Os "nikkeis" do Brasil, sentiram muito o preconceito que os japoneses possuíam por eles pois

"(...) embora sejam de ascendência japonesa, não são muito aceitos pela sociedade local por não terem os mesmos hábitos e por não falarem a língua .

São considerados estrangeiros no Brasil por serem de ascendência nipônica e são também entendidos como estrangeiros no Japão por não terem nascido lá. No fundo são autênticos desenraizados". (Rossini 1995, p.28),

causando, desta forma, uma relação meio hostil entre os japoneses e os "dekasseguis". Porém, nem todos japoneses são assim, e devido ao grande número de "nikkeis" que chegam ao seu país diariamente, alguns procuram se familiarizar com os migrantes, desenvolvendo relações de amizade. Esta contudo, não é igual as amizades dos brasileiros, porque os japoneses são extremamente reservados e as relações de amizades desenvolvidas entre eles próprios é dada de forma mais fria do que a nossa.

Esta relação formal entre os brasileiros e os japoneses fez com que os primeiros se sentissem muito sozinhos no período em que estavam no Japão. Uma das entrevistadas disse que viver no Japão não é tão difícil, porém a saudade dos amigos brasileiros agrava muito a decisão de migrar mais vezes para o Japão, já que a distância de um país ao outro não possibilita constantes visitas ao Brasil.

A dificuldade que os "dekasseguis" fizeram maior referência, é quanto a língua japonesa. Porém 75% dos entrevistados relataram que falam o idioma, mostrando dificuldade para escrever e ler esta língua. Sabe-se que no Japão, aquele que não sabe falar a língua japonesa passa por algumas dificuldades até conseguir aprender alguns vocábulos. E aquele que se comunica muito bem, pode conseguir melhores cargos. Dentre os entrevistados houve um que assumiu um cargo de chefia na fábrica que trabalhava por saber falar a língua japonesa; o único problema que ele enfrentou foi conseguir ser respeitado pelos japoneses, (também operários da fábrica), para os quais ele era o superior. Este colocou que os japoneses não se conformam em receber ordens de brasileiros

Uma outra dificuldade abordada pelos "dekasseguis", está relacionada a culinária japonesa. Como a comida era servida em refeitórios, aqueles que não apreciavam a comida japonesa tiveram que se adaptar. Algumas pessoas preferiam aproveitar o rápido intervalo do almoço, para ir aos alojamentos e lá cozinhar (há um número muito grande de supermercados que oferecem produtos brasileiros) comidas típicas do Brasil. Alguns "dekasseguis" gostavam da comida japonesa, porém se queixavam da quantidade de comida que lhes era servida, pois os hábitos alimentares dos japoneses são diferentes tanto no tipo de comida como na quantidade, sendo assim alguns brasileiros continuavam sentindo fome mesmo após as refeições e às vezes chegavam a se servir da comida daqueles que não apreciavam a culinária japonesa.

As dificuldades encontradas pelos "dekasseguis" podem ser superadas a medida que o tempo for passando, porém não se sabe o esforço que estes se submetem para realmente se adaptar ao novo país, e poder voltar para o Brasil, com uma boa quantia em dinheiro, o suficiente para mudar toda sua vida. O problema é quando isto não acontece e os trabalhadores se vêem forçados a voltar ao Japão, dando origem ao que se chama de "fluxo iô-iô".

O processo migratório para o Japão se mostra muito atrativo para os "nikkeis" londrinenses pela possibilidade de se obter bastante dinheiro em um curto período de tempo, porém a simples decisão de partir gera alguns conflitos pessoais; a organização dos documentos, a despedida do Brasil, a adaptação ao Japão; são processos pelos quais os "dekasseguis" precisam passar, porém a perspectiva de melhora de vida faz com que eles acabem superando estas dificuldades, permanecendo no Japão por algum

tempo, e ao retornar ao Brasil investem o dinheiro que conseguiram acumular em imóveis, carros, ou abrem o seu próprio negócio, o que será retomado depois.

A VOLTA PARA O BRASIL

CONDIÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS POSTERIORES A MIGRAÇÃO

Se já não bastasse ter que passar por um longo processo de adaptação no Japão, quando os “nikkeis” voltam ao Brasil também tem que se readaptar ao seu país. No quadro abaixo são mostrados alguns fatos aos quais os brasileiros tiveram que se readaptar.

READAPTAÇÃO AO BRASIL

Diferenças Sentidas	Nº de Pessoas	Percentual
Segurança	6	30%
Dinheiro	6	30%
Alimentação	3	15%
Poluição do País	2	10%
Clima	2	10%
Pobreza	1	5%
Base de Cálculo	20	100%

*Importante ressaltar que alguns dos entrevistados deram mais de resposta.

Fonte: Pesquisa “in loco” 1998.

Alguns trabalhadores passam por dificuldades ao voltar para o Brasil, sem saber se aqui irá permanecer ou se deverá retornar ao Japão, alguns precisam da ajuda de profissionais para se refamiliarizarem com sua pátria, como coloca Asari (1992, p.115):

“O que se evidencia é que estes trabalhadores temporários tenderão a passar por um penoso período de adaptação tanto no país receptor quanto no retorno, o que poderá causar sérios danos ou seqüelas na sua vida psico - social, que se não for trabalhada adequadamente poderá gerar desequilíbrios irreversíveis.”

Dispondo de um montante considerável de dinheiro, os “dekasseguis” brasileiros movimentam grande quantidade de capital ao retornar para o Brasil; sendo que o setor onde a procura é maior, é o do ramo imobiliário. Os especuladores imobiliários ficam “ouriçados” com este fluxo de nipo -brasileiros, que tornam a procura superior a oferta no mercado londrinense.

Muitos “dekasseguis” conseguiram realizar o sonho de ter o seu próprio negócio, mas nem todos já estão tendo lucro com a aplicação do dinheiro, mesmo porque qualquer investimento pressupõe um retorno demorado, e por isso é necessário que se tenha uma boa quantia aplicada em um banco enquanto o negócio não evolui. A tabela, mostra quais foram os frutos da permanência no Japão.

INVESTIMENTOS NO BRASIL

Investimentos	N.º de Pessoas	Percentual
Imóveis	11	55%
Carro	9	45%
Negócio Próprio	8	40%
Guardou o Dinheiro	5	25%
Bens Pessoais	2	10%
Viagem	1	5%
Base de Cálculo	20	100%

*Importante ressaltar que alguns entrevistados fizeram investimentos diversificados.

Fonte: Pesquisa “in loco” 1998.

A migração nem sempre vem seguida de uma grande mudança na vida do trabalhador. Muitos conseguem voltar ao Brasil, realizar seu sonho de ter um negócio próprio, e melhorar muito o seu padrão de vida. No entanto, existem aqueles que quando retornam não sabem em que investir e por medo de aplicar o seu dinheiro em algum negócio sem futuro, preferem guardá-lo no banco e voltarem ao Japão para acumular mais capital. Há ainda, aqueles que não voltam com tanto dinheiro assim, conseguem comprar apenas uma casa, e ainda enfrentam o problema de estarem desempregados. Portanto, a ida ao Japão não é vista com bons olhos por todos, porque os suores dos “dekasseguis” nem sempre são recompensados ao retornarem ao Brasil.

EXPECTATIVAS

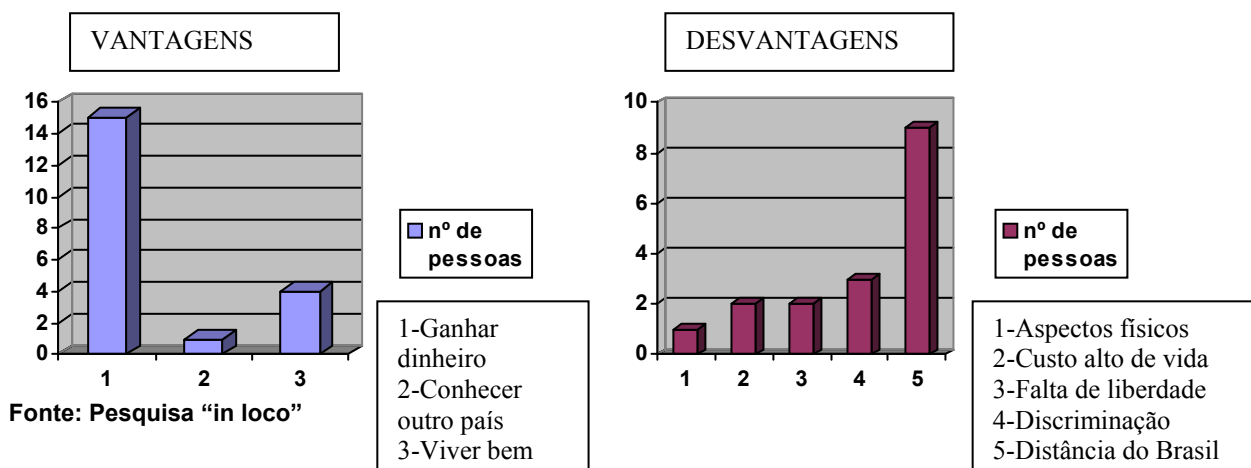
A migração em direção ao Japão é precedida de muita expectativa apesar de se saber que se trata de um país totalmente diferente do Brasil, pois

“imaginavam que mereciam tratamento diferenciado pelo fato de terem ancestrais comuns, mas encontraram uma sociedade altamente hierarquizada, disciplinada e até rígida, chegando às raias da grosseria, sob a ótica da cultura brasileira. Esse choque é ainda maior, quando o tratamento é dispensado a um profissional com nível superior, que gozava de certo “status” na sociedade brasileira”. (Yoshioka , 1995,p.155)

Este é um fato evidenciado por todos àqueles que se dirigem ao Japão, esperando que os japoneses fossem um pouco mais acolhedores. Os “dekasseguis” de Londrina não se decepcionaram tanto com a sociedade japonesa, pois muitos procuraram se informar do que enfrentariam no Japão, procurando assim, se preocupar somente em trabalhar e guardar dinheiro para voltar ao Brasil.

Em relação as vantagens e desvantagens de se trabalhar no Japão, os “dekasseguis” colocam que o melhor que o Japão pode oferecer está vinculado ao setor financeiro, pois em poucos anos de trabalho os “nikkeis” conseguem acumular grandes somas em dinheiro, que talvez demorassem a vida toda para conseguir no Brasil. A maior desvantagem que os entrevistados mencionaram, foi a distância do Brasil; muitos colocaram que a saudade incomoda muito, e não se pode estar sempre visitando os amigos e parentes que ficaram no seu país.

TRABALHO NO JAPÃO COMPARADO AO DO BRASIL



Além das razões econômicas, são apontadas, pelos “dekasseguis”, outras motivações em se trabalhar no Japão, como adquirir novas experiências, conhecendo um país de hábitos, costumes, sistemas sócio - econômicos tão diferentes do seu. E também por poder viajar e conhecer os pontos turísticos do Japão. A tabela mostra qual a posição dos londrinenses em se trabalhar no Japão.

MOTIVAÇÕES EM SE TRABALHAR NO JAPÃO

Gratificações	N.º de pessoas	Percentual
Aquisição de dinheiro	9	45%
Experiência adquirida	8	40%
Conhecer o Japão	7	35%
Base de cálculo	20	100%

*O número de pessoas supera o número de entrevistados porque algumas pessoas deram mais de uma resposta.

Fonte: Pesquisa "in loco" 1998.

Com a grande crise atual e com o crescente índice de desempregados que vêm assolando o Brasil há muito tempo, as pessoas passam a acreditar cada vez menos no país. Ao se perguntar aos brasileiros migrantes, se eles confiavam na economia brasileira, 70% deles responderam que consideram o Brasil um país economicamente inviável, o que faz com que os descendentes de japoneses voltem ao Brasil, apenas pelo sentimento de saudade dos costumes do seu país, e não por acreditarem que o Brasil um dia será um país que possibilite realizar os anseios econômicos da população.

Porém, os "dekasseguis" não se demonstram muito dispostos à voltar ao Japão. Embora 40% deles afirmem que voltariam ao Japão para trabalhar como operários, deixam muito claro, que esta atitude está vinculada a profunda falta de oportunidades de emprego no Brasil, porque caso contrário não abandonariam sua pátria de forma alguma. Outros colocam que trabalhar como operário no Japão foi uma experiência muito desgastante e que não querem repetir nunca mais, mas gostariam muito de retornar ao Japão para passear. Porém, enquanto as portas do Japão estiverem abertas, os "nikkeis" continuarão se dirigindo para aquele país em busca de melhores oportunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho, pode-se perceber que o motivo que mais ocasiona a migração dos brasileiros, é a falta de uma remuneração que possibilite condições dignas de vida a um trabalhador; o que comprova uma das hipóteses abordadas no início do projeto, a respeito da problemática do emprego no Brasil. Klabgsbrunn (1996, p.47), faz referência a situação econômica do país:

"Que o Brasil, sob as condições econômicas e políticas reinantes, não está em condições de manter minimamente a maior parte menos favorecida de sua população não é novidade. Em meados dos anos 90, esta realidade fica mais uma vez patente, ao se abrirem as comportas da emigração, envolvendo cada vez mais segmentos das camadas médias, que também vão em busca de empregos pouco qualificados mas que lhes prometem rendimento bem acima do que o mercado de trabalho do país lhes possibilita. A sociedade brasileira é constantemente permeada pelo fenômeno migratório e a economia torna-se dependente, em suas relações com o exterior, de um fenômeno decorrente da carência crescente de nossa população: o desemprego e o subemprego".

Mesmo conscientes das dificuldades que iriam enfrentar como operários no Japão, os entrevistados partiram em busca de ganhos financeiros que lhes possibilitassem melhores condições de vida no Brasil. Porém também foram detectados outros interesses por parte dos entrevistados como: conhecer o Japão, acumular dinheiro para realização de um negócio próprio, e pessoas que insatisfeitas com o Brasil, queriam conhecer uma cultura diferente.

É interessante ressaltar que 90% dos entrevistados estiveram no Japão entre os anos de 1991 e 1993, auge da economia japonesa. Neste período milhares de "nikkeis" deixaram o país a procura de prosperidade econômica. Hoje, no entanto, com a crise que assola o mercado japonês, o fluxo diminuiu muito, e o governo japonês procura agora, desincentivar a migração dos "dekasseguis":

"O brilho do sol nascente se apagou para boa parte dos brasileiros descendentes de japoneses que foram trabalhar no Japão em busca de uma vida melhor. Hoje, eles vêem a economia japonesa se esfacelar e, junto com ela, seus planos para o futuro. A recessão trouxe demissões nas fábricas, reduziu os salários com o fim da hora extra e atingiu principalmente a mão-de-obra desqualificada". (Revista Isto é, 22/07/98, Nº1503-69)

Mesmo com as portas entreabertas, o Japão continua recebendo migrantes, e sem trabalho para lhes oferecer, já existem alguns com situação de vida tão precária, que começaram a viver em baixo de pontes japonesas; mas preferem lá ficar do que voltar sem dinheiro para o Brasil.

Este é um fato que contradiz esta pesquisa, pois as entrevistas realizadas para este trabalho, revelaram pessoas felizes, com raras exceções, acreditando que ter ido para o Japão lhes foi muito gratificante.

Julga-se então necessário a intervenção do governo brasileiro, para desestimular a ida de trabalhadores para o Japão e que traga os brasileiros que lá estão de volta para o Brasil, ou que ao menos realize campanhas de apoio aos “nikkeis” brasileiros, marginalizados no Japão.

O movimento migratório Brasil - Japão, trouxe muitos ganhos para os dois países, mas aparentemente esta é a hora de se frear este movimento, ou então, realizarem políticas condizentes com os países interessados. Yoshioka (1995,p.165), aborda a questão da seguinte forma:

“Nestes tempos em que as fronteiras são meras demarcações, desrespeitadas a todo momento, quando se fala na divisão internacional de trabalho, nada melhor que a universalização do sistema de previdenciário, da contagem recíproca do tempo de serviço e de outras conquistas dos direitos humanos”.

Se isto realmente existisse, talvez não houvesse hoje, brasileiros passando por dificuldades no Japão e somente dessa forma, eles teriam condições de retornar para o Brasil com intenção de permanecer e de trabalhar pelo país, vivendo dignamente na sua terra natal.

BIBLIOGRAFIA

- ASARI, Alice Yatiyo. E eu só queria voltar ao Japão(colonos japoneses em Assaí). São Paulo, tese (doutoramento) apresentada ao Departamento de Geografia da FFLCH, USP, 1992.
- ASARI, A. Y.; YOSHIOKA, R. Migrações ultramarinas. Trabalhadores brasileiros no Japão. Semina: Ci. Soc./Hum. Londrina, v.17, n.º 4, set. 1996.
- BEAUJEU-GARNIER, J. Geografia da População (Tradução de Leônida Gontijo de Carvalho). São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1971.
- CAMARA, Márcia Regina Gabardo. Migrações internas: evolução teórica e algumas evidências empíricas para o caso brasileiro. In: Semina: Ci. Soc./Hum. Londrina, 1988.
- DAMIANI, Amélia. População e Geografia (Coleção Caminhos da Geografia) São Paulo, Editora Contexto, 1991.
- GEORGE, P. Geografia da População. 5. Ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 1970.
- ISTO É. São Paulo: Editora Três, p. 68 – 75, 22 jul. 1998.
- KLGSBRAUNN, Victor Hugo. Globalização da economia mundial e mercado de trabalho: a emigração de brasileiros para os Estados Unidos e Japão. In: Migrações Internacionais: Herança XX, Agenda XXI (org. Neide L. Patarra), Campinas: FNUAP, São Paulo: Oficina Editorial, 1996,p.:33-48.
- MARTINE, George. Estado, economia e mobilidade geográfica: retrospectiva e perspectivas para o fim do século. In: Revista Brasileira de Estudos Populacionais, Campinas, 1994.
- MARTINS, José de Souza. Não há terra para plantar verão. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. São Paulo; Martins Fontes, 1977.
- O Correio da UNESCO. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, novembro, 1985.
- OLIVEIRA, Jádriel Ferreira. Os trabalhadores Nipo-brasileiros no Japão – uma reflexão de origem política. In: Dekassequi. São Paulo: Estação da Liberdade: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.
- PEREIRA, João Batista Borges. O retorno do racismo. In: Raça e Diversidade. São Paulo, EDUSP, 1996.
- ROSSINI, Rosa Ester. O retorno às origens ou a luta pela cidadania. In: Revista USP –Dossiê Brasil-Japão, N°27, São Paulo. EDUSP, set./out./nov. 1995.
- SALES, Teresa. O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais. In: Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo-V.1. São Paulo: 2ª ed., FNUAP, 1995.
- YOSHIOKA, Reimei. Por que migramos do e para o Japão. São Paulo, Massao Ohno Editor, 1995.